

A banda Papa Léguas toca pela quinta vez este ano na cidade mostrando a popularidade da música baiana em Brasília

Pág.....3

CORREIO BRAZILIENSE, sábado, 28 de novembro de 1992

No quarto dia, destaque também para os curtos *A Chico Mendes* e *A Mulher Gorila*

Oswald de Andrade vai baixar esta noite no Cine Brasília. O longa de hoje na mostra competitiva de 35 mm é uma homenagem ao centenário de nascimento do escritor. Personalidade polêmica da semana de Arte Moderna de 1922, a figura de Oswald deve voltar a suscitar polêmicas hoje, já que *Oswaldianas* tem entre seus cinco diretores, pelo menos, dois personagens já bastante conhecidos no *bas-fond* da transgressão e daousada: Julio Bressane e Rogério Sganzerla.

Bressane esteve pela última vez na mostra competitiva de 35 mm há dois anos atrás, com *Os Sermões*, versão cinematográfica da obra do Padre Antônio Vieira. O filme é belíssimo e Bressane levou com justiça o prêmio de melhor diretor. No seu episódio de *Oswaldianas*, narra um encontro entre Oswald e a musa da dança Isadora Duncan. Promete uma leitura poética e satírica, onde se

defrontam o provincianismo urbano do passado e os rasgos do modernismo.

Independente do resultado, uma coisa que se pode esperar no episódio de Bressane é inteligência cinematográfica em ação. Defensor do cinema de invenção a todo custo, Bressane é incapaz de fazer um filme que não seja uma reflexão cinematográfica. No que certamente tem avançado a passos largos ao se propor a fazer adaptações de densas obras literárias — caso de *Os Sermões* e ainda de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que adaptou anteriormente. Fica evidente que ele busca as fronteiras do cinema com outras artes, é o faz num intermitente movimento de expansão da compreensão cinematográfica.

No ano passado, Bressane foi taxativo ao afirmar numa entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE que "o cinema precisa do cineasta". Ao que explica que o cineasta talvez seja uma pessoa que não existe, na medida em que é preciso uma vida inteira de dedicação ao *métier*, porque o cinema interpenetra todas as outras formas de arte, tem campos em comum, reflete-se e é reflexo.

No elenco estão Giulia Gam e Beth Coelho, a musa entronizada por Gerald Thomas no teatro. A fotografia é de José Tadeu Ribeiro, que surpreendeu pela poesia das imagens de *Os Sermões*, que também fotografou para Bressane. E o filme conta ainda com uma "orientação poética" de

Augusto de Campos.

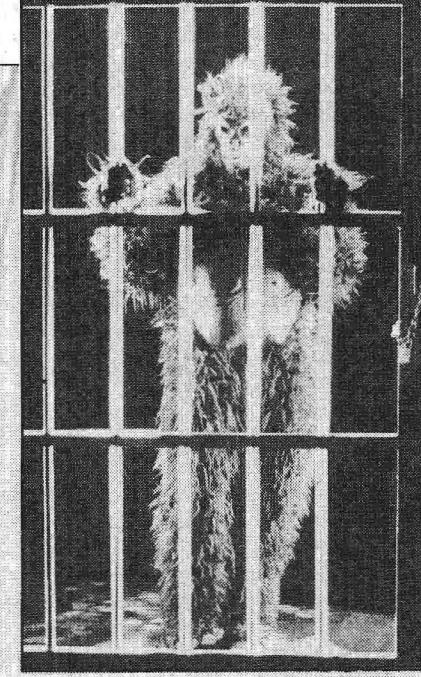
Conclusão — O segundo transgressor, Rogério Sganzerla, causou furor no ano passado ao propor, durante a sessão de premiação, que Nelson Pereira dos Santos, que presidia o júri, mudasse seu nome para Nelson Pereira dos Diabos. Sganzerla concordava com um mérito sobre Noel Rosa e não recebeu nenhum prêmio do júri oficial. Quando recebeu uma menção honrosa da Associação de Cineastas

do Rio, não perdeu a oportunidade de botar a boca no trombone.

Rogério ganhou as manchetes no final dos 60, com a premiação de *O Bandido da Luz Vermelha*, seu primeiro longa, no festival de Brasília. Foi saudado como o *enfant terrible* do cinema marginal paulistano, mas de lá para cá construiu uma carreira cheia de altos e baixos, onde tem se

CORREIO DOS

JUVENAL PEREIRA



DF - Cinema



A atriz e bailarina brasiliense Maura Baiocchi é a protagonista do curta *Nayara*, a *Mulher Gorila*, de Marta Nassar — ela é a aberração (veja detalhe) que é atração de circo

Tributo a Oswald

Brasília na competição

Hoje é dia de ver a incipiente produção brasiliense que aportou este ano no festival. São apenas dois filmes, dos quais um é um desenho animado que sequer foi finalizado, devendo ser exibido ainda em copião — *Peixe Sapiens*. O outro é *Defunto Vivo*, de Joaquim Saraiva, uma piada sobre um sujeito que se abriga num caixão para se proteger da chuva e quando sai assusta todo mundo.

Um terceiro filme brasiliense estava programado, *Sendo Assim*, produção da UnB. Só que não ficou pronto a tempo. E ainda um outro filme produzido na cidade deverá ser exibido, mas fora da competição, como hors-concours: *Good Bye*, de Zé Geraldo. Este é o panorama anual da produção local, que conta com diversos outros filmes em finalização com verbas do polo de cinema, mas nenhum deles ficou pronto a tempo — A TV Que Virou Estrela de Cinema, Explosão Aborigêne, Santos Dumont, entre outros.

Saraiva, que terminou o seu filme com verbas

do Polo, confessa que só aprontou o filme a tempo para o festival porque começou a montá-lo antes de receber a bolada. "Acertei com o Roberto Pires, que assina a montagem, que o pagamento viria depois. Os outros preferiram esperar e agora estão na fila para usar a única moviola disponível na cidade", explica Saraiva.

Cubatão, Meu Amor, também na programação, apresenta o processo histórico de ocupação urbana e industrial da Baixada Santista, no Estado de São Paulo. O diretor, Hélio Godoy, fez o filme como trabalho de campo da sua tese de mestrado, onde trata da relação entre o realizador e o meio ambiente que o cerca.

Boato — Uma Autodefinitiva é um filme de criação coletiva. Mostra o trabalho do grupo Boato, que faz poesia e produz recitais e shows poéticos. Tem participação especial de Hermelito Paschoal e ganhou o Tatu de Bronze de filme revelação na Jornada da Bahia deste ano e o prêmio Panda para melhor plano de cinema no Rio Cine. Completam a programação *O Candidato*, de Altenir Silva e Geraldo Pioli, uma sátira da tensão que envolve os candidatos a uma vaga no vestibular, e *Mãe D'Água*, média-metragem de Fernando Camargos. A mostra de 16mm acontece na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional, a partir das 15h, com entrada franca.

refaz a trajetória de Daisy, a musa da garçonniere de Oswald em *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo*. O livro é uma coletânea de cartas, rasuras e anotações. No elenco estão José de Abreu e Cecília Thiré e a fotografia é de Miguel Rio Branco.

Roberto Moreira dirige *A Princesa Radar*. Partindo da coluna *Telefona* que Oswald publicava diariamente no jornal *Correio da Manhã*, Moreira recria de modo alegórico a utopia do antropófago anterior à civilização, numa espécie de história universal carnavalesca. Inácio Zata e Ricardo Dias dirigem *Uma Noite com Oswald*, onde o universo oswaldiano é antropofágicamente deglutiido pelo mundo dos shows de tevê. Com música de Mario Manga, que esteve em Brasília este ano participando do projeto *Oficinas*, o episódio tem no elenco Diogo Vilela, Sergio Mamberti e Skowa.

Curtas — Entre os curtas que completam a programação, destaca-se *Nayara*, a *Mulher Gorila*, de Marta Nassar. No elenco está a bailarina brasiliense Maura Baiocchi, em excelente performance. Ela é a mulher gorila, uma aberrante atração de circo. Marta consegue transmitir uma sensação de estranhamento diante do grotesco e Maura mostra no que resultou seu aprendizado de teatro japonês com uma expressividade corporal e facial marcante.

O segundo curta, *A Chico Mendes*, mostra o artista plástico Franz Krajberg e faz uma reflexão sobre a destruição das florestas, já insinuada no título. Aluísio Didier, o diretor, é maestro e arranjador de trilhas sonoras para a tevê e no ano passado concorreu no festival com o média *Amigo Radamés Gnattali*.

Cesar Mendes

Oswaldianas — Longa-metragem de hoje na mostra competitiva de 35 mm do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com direção de Julio Bressane, Rogério Sganzerla e outros. Completam a programação os curtos *Nayara*, a *Mulher Gorila* e *A Chico Mendes*, Cine Brasília, às 20h.

Má educação do público

A ideia da instalação de bares no espaço de Cine Brasília durante o XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é bastante agradável e aconchegante. Uma cervejinha gelada, antes de se buscar a concentração necessária para o acompanhamento dos filmes, cai muito bem. Entretanto, as extrapolações estão sendo mal digeridas por quem quer realmente assistir aos filmes e não sentar-se simplesmente em um bar — basta um alcoolizado por noite para perturbar as exibições. Fato que vem se repetindo com frequência no Festival.

Na quarta-feira um senhor que abusou da bebida incomodou as projeções com brincadeiras e comentários típicos dos adolescentes que se dirigem em bando aos cinemas do ParkShopping nos finais de semana. Não caiu bem. Na quinta-feira um outro senhor, visivelmente bêbado, tentou provocar Grande Otelo na platéia antes do início da sessão. Foi retirado da sala, praguejando como se saísse do botequim da esquina (ou Comercial Local).

Sem comentários então o panorama da sala de exibição do Cine Brasília após cada sessão noturna do festival: latas, latas e mais latas de cerveja espalhadas pelo chão, acompanhadas de papéis, papéis e mais papéis, rasgados, amassados ou inteiros: os catálogos e *folders* do certame. Parece que um tornado passou por lá. Obra, desta vez, de uma maioria mal-educada. (M.S.S.)

Crítica/Assim na Tela Como no Céu

O terceiro programa de filmes da mostra competitiva de 35mm foi até agora a pior noite do festival. Ontem foram exibidos os curtos *Os Moradores da Rua Humboldt*, *Batiman e Robim*, e o longa *Assim na Tela Como no Céu*. Depois da densidade de *Perfume de Gardênia*, longa da noite anterior, chega a ser insuportável assistir ao fróxu e pouco envolvente *Assim na Tela Como no Céu* até o final.

Primeiro porque é uma comédia que não faz rir. Pelo contrário, cria um mal-estar. Tudo parece muito mal-encenado. As gags e tiradas irônicas estão fora de tempo. Parece um ensaio. Além disso, o diretor Ricardo Miranda ainda faz *inserts* de intermináveis filmes mudos, que quebram completamente qualquer continuidade ou encaadeamento que se possa esperar da história principal. Não há quem aguente tanta dispersão.

O primeiro curta, *Os Moradores da Rua Humboldt*, começa com pompa, mas logo nos primeiros minutos provoca uma banalização de *travelings* que chega a irritar. Talvez porque não consegue o efeito pretendido. Cada *traveling* que se segue parece desvalorizar o anterior, ao invés de causar uma sensação de progressão.

As imagens parecem boas, a idéia, a locação e mesmo o elenco. Mas tudo fica mal-amarrado. Vale pela sofisticação. Mas peca também por isso.

Porque os belos planos que foram rodados não foram bem aproveitados pela montagem. Ou porque talvez faltam planos de ligação. Aí parece um choque de superplanos.

Batiman e Robim, na verdade um média, é muito longo. É um filme de ator e a interpretação de Marco Ricca e André Barros parece tirar leite de pedra. Porque os diálogos são ruins. A situação parece absolutamente inverossimil. Quer dizer, o filme parte de um argumento que não convence. Se não, por que os dois atores são cúmplices e um passa o filme todo fazendo pouco caso do outro?

Não sendo um filme de ação, questões como essa se tornam relevantes. Porque se o expectador não embarcar na conversa dos dois atores, não tem filme para ele. Fica então delicada a questão dos diálogos, da direção de atores e do ritmo da montagem. Esses elementos combinados devem resultar numa progressão, mas *Batiman e Robim* parece caminhar para a repetição tão-somente. Um problema que possivelmente tem a sua origem no próprio roteiro, antes de mais nada. Mesmo porque essa história de *Batiman e Robim* já deu o que tinha que dar.

Cesar Mendes



Batiman e Robim tem enredo inverossimil e é muito longo; *Assim na Tela Como no Céu* parece um ensaio malcosturado